

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRÉIA DE FÁTIMA SLOBODZIAN

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM ESCOLAS PÚBLICAS: O IMPORTANTE
PAPEL DA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA**

CURITIBA

2016



ANDRÉIA DE FÁTIMA SLOBODZIAN

**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM ESCOLAS PÚBLICAS: O IMPORTANTE
PAPEL DA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA**

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^a. Ms. Elisângela Iargas Iuzviak Mantagute.

CURITIBA

2016

Alfabetização e Letramento em escolas públicas: O importante papel da Instituição Educativa

Andréia de Fátima Slobodzian

RESUMO

O trabalho que ora se apresenta se propõe a investigar sobre a crença de que as crianças dos meios populares demoram a se alfabetizar ou até mesmo não se alfabetizam em função da precariedade no acesso a materiais escritos e até mesmo com a falta da presença da leitura e da escrita nos ambientes domésticos das crianças de turmas de 1º ano do Ensino Fundamental. Como metodologia de trabalho foi utilizado instrumento de coleta de dados quantitativos e pesquisa bibliográfica. Foram coletados dados de duas turmas de primeiros anos de uma escola pública de periferia da cidade de Guarapuava, no estado do Paraná. Esses dados coletados, ao contrário da crença inicialmente apresentada, nos levam a afirmar que as crianças conseguem entender o processo de alfabetização e letramento, decodificando e codificando a escrita, mesmo sem muito incentivo e ambiente domiciliar rico para essas atividades em casa. Nesse sentido e para essas crianças a escola tem papel fundamental para o processo de alfabetização e letramento pelo qual as crianças são expostas neste período de anos iniciais do Ensino Fundamental.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento. Pobreza. Material escrito.

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização nesta nova perspectiva curricular das escolas públicas vem atrelada ao letramento, porém o letramento é a leitura de mundo que a criança já possui, um conhecimento que ela construiu ao estar inserida num determinado ambiente, sua leitura do mundo, o que ela traz para o meio escolar para confrontar com o conhecimento que terá ali sobre a leitura, a escrita e qualquer outra forma de linguagem.

O letramento é o resultado do processo da alfabetização. Porém, o letramento vai além da alfabetização, já que existem pessoas que não são alfabetizadas, mas

são letradas, pelo conhecimento encontrado no meio que estão inseridos e nas suas práticas sociais. Como nos diz Paulo Freire:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele (A palavra que eu digo sai do mundo que estou lendo, mas a palavra que sai do mundo que eu estou lendo vai além dele). (...) Se for capaz de escrever minha palavra estarei, de certa forma transformando o mundo. O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.

Muitas crianças de escolas periféricas encontram dificuldades no processo de alfabetização, dificuldades diferentes daquelas encontradas nos grupos de crianças que convivem num meio com ampla possibilidade de letramento e apesar disso conseguem se alfabetizar.

O currículo de alfabetização não traz essas diferenças inseridas para que haja dois mecanismos de iniciação da alfabetização, um para aquelas crianças que já tem amplo conhecimento de linguagem e outro instigando e fortalecendo o conhecimento que talvez seja a primeira experiência para determinadas crianças.

Para que as crianças de instituições escolares das regiões periféricas entendam os processos de leitura e escrita num tempo igual ou similar as outras crianças, se faz necessário e é de extrema importância o papel do professor alfabetizador. É na sala de aula que estes alunos vão encontrar materiais diferenciados, aulas dinâmicas para que supram a necessidade que encontram nos seus convívios sociais de tecnologias e de um mundo letrado com troca de experiências.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao iniciarmos uma discussão sobre alfabetização e letramento encontraremos vários autores que tratam do assunto, principalmente nas últimas décadas, em que não se mais dissocia a alfabetização do letramento.

Para Magda Soares “Alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever.” e “Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.” (2009, p. 31 e 39). Ela continua fazendo uma importante observação “Ter-se apropriado da escrita é diferente de ter aprendido a ler e a escrever: aprender a ler e

a escrever significa adquirir uma tecnologia, a de codificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita “própria”, ou seja, é assumi-la como sua “propriedade”. E destaca ainda que existe uma grande diferença entre alfabetizado e letrado:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (Soares, 2009, p.39-40).

Vygotsky (1991) já dizia que o sujeito aprende na interação com o objeto, porém, também se relacionando com os outros sujeitos e com o meio em que se insere, ou seja, o sujeito junto aos outros sujeitos produziram esse conhecimento no meio social. Assim, o professor é mediador junto ao meio do processo de aprendizagem. Ou seja, acontecia assim o letramento, onde o conhecimento prévio de um indivíduo ao ser confrontado com o conhecimento do outro proporcionava a aprendizagem.

O que acontece a partir daí é a análise de como é esse conhecimento prévio, que a criança traz consigo antes de chegar na escola. Na maioria das vezes esse conhecimento de massa é resquício da ideologia dominante. E como disse Paulo Freire (1996, p.39) “Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura.”

Para Klein (2008) a Alfabetização deve acontecer a partir do contexto em que a criança vive. Por isso se critica o ensino tradicional, já que é descontextualizado da realidade por ser fundamentado em livros convencionais e engessados.

Devemos pensar também na forma de letramento que cada criança tem, nas oportunidades oferecidas a ela para que enriqueça seu conhecimento. Temos que levar em conta que a escrita não é comum a todos os indivíduos apesar de ter uma função social, em muitas famílias temos pais analfabetos.

[...] num tempo em que a escrita se configurava como a única maneira de viabilizar a interação verbal em situações de registro e/ou comunicação que superassem limites espaço-temporais, não se fazia necessário, pelo caráter evidente, explicar sua função entre os homens. É somente quando ela surge como *mais um dos meios* para tanto, que se verifica tal necessidade na escola e se institui essa

compreensão como conteúdo de alfabetização. É importante esclarecer que, para efeitos de alfabetização, essa compreensão sempre foi necessária; a diferença reside no fato de que, num momento, ela ocorre naturalmente, dada a força com que se faz presente na vida daqueles que necessitam alfabetizar-se; hoje, entretanto, a incidência de atos de leitura/escrita na vida dos homens é tão restrita que essa compreensão precisa ser “escolarizada”, não se realizando mais com a mesma eficácia de antes nas experiências cotidianas do aprendiz. (KLEIN, 2008, p. 107-108).

Mesmo com as dificuldades encontradas durante o processo de alfabetização, o professor não pode e nem deve desistir, ou perder as esperanças. É dele a responsabilidade de proporcionar aos alunos momentos de novas descobertas, de incentivo. Já dizia Paulo Freire (1996, p.30) “(...) nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela.” Ele continua falando que não podemos ser neutros a realidade e nem acomodados é preciso sempre buscar mais conhecimento, estudar. Mudar é difícil, mas preciso. Se ainda há alunos que não conseguiram se apoderar de determinado conhecimento melhor que deixá-lo de lado ou desistir justificando os meios, precisa buscar alternativas para ajudá-lo, pesquisar mecanismos que possa utilizar para que ele consiga aprender. A escola, a sala de aula precisa ser inovadora, transformadora. Se for preciso deve-se mudar a postura perante aquele aluno ou aquela turma.

3 METODOLOGIA

Este trabalho se deu através de coleta de dados quantitativos e pesquisa bibliográfica. Tratamos sobre a importância da Instituição Escolar para que a criança aprenda a ler e a escrever, mesmo com a fragilidade em que se encontra. Tentaremos responder a pergunta explicando qual é o papel da escola na contribuição para o letramento de crianças em vulnerabilidade social e cultural.

Abordaremos autores que discutem a importância e a função do letramento e a importância da postura do professor. Depois apresentaremos os resultados do levantamento de dados através de questionário que realizamos com familiares das turmas de primeiro ano numa escola de periferia da cidade de Guarapuava e também os dados dos níveis de alfabetização que os alunos se encontram, isso com objetivo de conhecer nosso público e evidenciar nossa problemática.

Por fim as considerações finais sobre todo o estudo realizado.

4 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Num primeiro momento foram realizadas entrevistas com 36 familiares de duas turmas de primeiro ano de uma Escola de um bairro periférico da cidade de Guarapuava. A cidade de Guarapuava está localizada no centro-sul do estado do Paraná, com mais de 172 mil habitantes, em sua economia destacam-se os setores agrícola e madeireiro, sendo considerada pólo de referência a educação de Ensino Superior.

A Escola na qual a pesquisa foi realizada atende crianças de 4 a 14 anos (em média) com turmas de Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental (1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos). A entrevista foi realizada com dois objetivos: primeiro saber a escolaridade das famílias, no caso, dos familiares representantes; e depois conhecer os materiais de leitura que possuíam em casa. Através dessas informações teremos um parâmetro dos materiais escritos aos quais as crianças dessas duas turmas estão inseridas, e como o papel da escola está sendo importante para que o resultado do processo da aprendizagem seja positivo.

TABELA 1 – Acesso a Escolaridade Formal

Entrevistados	Número
Alfabetizados	28
Analfabetos	08
Não frequentaram a escola	08
Frequentaram até a 2ª série	01
Frequentaram até a 4ª série	05
Frequentaram até a 5ª série	07
Frequentaram até a 6ª série	03
Ensino Fundamental Incompleto	02
Ensino Fundamental Completo	08
Ensino Médio Completo	02

FONTE: Slobodzian (2016).

Como podemos identificar na tabela foram 36 pais entrevistados, dentre eles estão mães, pais, avós, tias e tios, os responsáveis pelos alunos. Podemos observar que não há Formação Superior e que com o Ensino Médio são apenas 6% dos responsáveis. Temos que pensar também que 23% desses responsáveis são

analfabetos. Ou seja, a maioria dos entrevistados teve pouca formação escolar. Como poderiam então contribuir para o aprendizado das crianças que iniciam a alfabetização?

Através da entrevista, perguntamos quais livros essas famílias possuem nas suas casas, obtivemos como respostas que 29 dos entrevistados possuem Bíblias, muitas doadas pelas igrejas que frequentam; 17 possuem Revistas; 16 possuem livros didáticos, alguns cedidos pela Instituição Escolar (livros consumíveis ou mesmo que passam dos três anos utilizados de acordo com o PNLD-Programa¹ Nacional do Livro Didático); 21 tem livros de Literatura Infantil, geralmente aqueles de coleções básicas com dez livrinhos com valores acessíveis nas feiras de livros; 4 tem livros de Literatura; 14 tem Jornais; 13 tem Gibis; 3 tem Enciclopédias e 5 outros tipos de livros, como religiosos. O que se pode acrescentar aqui é que muitos desses materiais os pais recolhem no trabalho do cotidiano, pois muitos deles exercem a função de Operadores Ecológicos.

Operador Ecológico é a denominação para o trabalho do catador de papéis, alumínio, ou seja, o catador de reciclável. Essa nomeação começou a ser utilizada pois, havia um tipo de associação/organização na comunidade os trabalhadores, até mesmo para que eles se aceitassem e não tivessem vergonha da profissão.

O bairro onde a Escola está inserida é de periferia, existem muitas ruas e ruelas que ainda não possuem asfalto. Não há nenhum lugar de recreação ou cultural para a população. O comércio consiste em mercados, pequenas lojas comerciais, algumas oficinas mecânicas (de carro e bicicleta), muitos bares e muitas igrejas. A população é de vida muito simples. 85% dos alunos dessa escola são beneficiários do Programa Bolsa Família² e todos moram neste bairro e no bairro vizinho.

¹ O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) tem como principal objetivo subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio da distribuição de coleções de livros didáticos aos alunos da educação básica. O programa é executado em ciclos trienais alternados. Assim, a cada ano o MEC adquire e distribui livros para todos os alunos de um segmento, que pode ser: anos iniciais do ensino fundamental, anos finais do ensino fundamental ou ensino médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=668id=12391option=com_contentview=article. Acesso em 14/11/2016.

² O Programa Bolsa Família atende às famílias que vivem em situação de pobreza e de extrema pobreza. Foi utilizado um limite de renda para definir esses dois patamares. Assim, podem fazer parte do Programa: Todas as famílias com renda por pessoa de até R\$ 85,00 mensais; Famílias com renda por pessoa entre R\$ 85,01 e R\$ 170,00 mensais, desde que tenham crianças ou adolescentes de 0 a 17 anos regularmente matriculados em instituições de ensino. Disponível em: <http://bolsafamilia.datasus.gov.br/w3c/bfa.asp>. Acesso em 14/11/2016.

Mesmo visualizando e conhecendo todo esse contexto no qual as crianças dessa escola estão inseridas podemos dizer que das duas turmas de primeiros anos analisadas, que somam um total de 40 alunos, os alunos conseguem se alfabetizar no tempo apropriado. As crianças iniciaram suas atividades de inserção da aquisição da leitura e da escrita nesse ano e em 9 meses de trabalho, temos os seguintes resultados embasados na Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberoski (1986): três alunos pré-silábicos, dezesseis alunos silábicos, dezesseis alunos silábico-alfabéticos, e cinco alunos alfabéticos.

Podemos afirmar que mais de 92% dos alunos já compreenderam o processo de alfabetização e apenas 8% ainda não. Esses alunos estão no início do processo de alfabetização e esses números podem mudar até o final do ano e nos próximos dois anos seguintes que eles tem para terminar o processo. De acordo com o PNAIC (Pacto pela Alfabetização na Idade Certa), compromisso formal assumido pelos governos federal, estaduais e municipais, que garante que todas as crianças até os oito anos de idade, ou seja ao final do 3º ano do Ensino Fundamental, estejam alfabetizadas.

Para que a alfabetização aconteça de forma dinâmica e lúdica, as atividades realizadas em sala de aula precisam envolver as práticas de leitura e escrita. Para isso é utilizado o “Cantinho da leitura” que é um espaço/canto da sala onde se coloca bolsões, cortinas ou prateleiras com livros de literatura infantil; “sacola/mala da leitura”. Ainda há uma bolsa que as crianças levam para casa um livro e um caderno para registro da leitura feita em família. Pois “a leitura é grande auxiliar da reflexão, da meditação, do voltar-se para dentro de si”. (CAGLIARI, 1990, p. 148).

Para realizar as atividades diárias de apropriação do sistema de Escrita Alfabética são utilizados materiais manipuláveis como o alfabeto móvel, tampinhas, palitos, jogos diversos. A sala de aula ainda é composta por um ambiente alfabetizador, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil “(...) um ambiente é alfabetizador quando promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita nas quais as crianças têm a oportunidade de participar.” (1998, p.151). O professor deve proporcionar a criança um ambiente que a faça interagir com a leitura e a escrita.

Neste ambiente há cartazes como o calendário, a “janela do tempo” (cartaz feito com tecidos onde coloca-se a imagem do sol, chuva ou nuvens para representação meteorológica), “ajudante” (cartaz onde coloca-se o crachá do aluno

ou alunos que irão auxiliar a professora durante aquele dia), aniversários, “quantos somos” (cartaz onde coloca-se o número de meninas e meninos que estão em sala naquele dia e o total de alunos), “regras” (combinados feitos pelo professor e pelos alunos para o bom convívio em sala), “palavras mágicas” (cartaz onde se coloca palavras de respeito que são sugeridas para as crianças utilizar no cotidiano: com licença, por favor, obrigada, etc), alfabeto, números; “bloco” em que se registra a música, a parlenda, outro texto que será trabalhado; multimídia: rádio, datashow, computador, tv; cadernos, impressões, livro didático, diferentes tipos de papéis. Enfim todo e qualquer tipo de material que possa estimular as crianças e fazer com que elas tenham vontade e prazer no aprender.

O professor deve inovar e buscar alternativas para que seus alunos consigam aprender. O PNAIC³ também traz ao professor a formação continuada, estudos realizados entre grupos de professores para troca de experiências e de materiais que sejam facilitadores da aprendizagem no SEA (Sistema de Escrita Alfabética).

Nessa perspectiva destacamos algumas habilidades necessárias ao professor alfabetizador:

- Desenvolver recursos para facilitar a integração entre os conhecimentos de língua oral que os alunos trazem consigo para a escola e as competências de leitura, escrita e oralidade que vão adquirir ou aprender.
- Atentar para a transição dos modos de falar para os modos de escrever e ler.
- Reconhecer atividades pedagógicas com a língua materna que contribuem para o desenvolvimento linguístico, afetivo e social do aluno.
- Organizar o tempo pedagógico e o planejamento do ensino.
- Organizar o uso da biblioteca escolar e das salas de leitura.
- Identificar em fragmentos interacionais do trabalho pedagógico episódios de construção de andaime.
- Programar o trabalho pedagógico com textos didáticos e paradidáticos das diferentes disciplinas
- Desenvolver diagnósticos das capacidades e maturidades dos alunos leitores.
- Selecionar os textos literários para o trabalho de sala de aula e para a leitura individual dos alunos, considerando as especificidades dos textos e dos gêneros textuais.
- Desenvolver

³ Curso presencial de 2 anos para os Professores alfabetizadores, com carga horária de 120 horas por ano, baseado no Programa Pró-Letramento, cuja metodologia propõe estudos e atividades práticas. Os encontros com os Professores alfabetizadores serão conduzidos por Orientadores de Estudo. Os Orientadores de Estudo são professores das redes, que farão um curso específico, com 200 horas de duração por ano, ministrado por universidades públicas. É recomendável que os Orientadores de Estudo sejam selecionados entre a equipe de tutores formados pelo Pró-Letramento no município ou estado. No Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa serão desenvolvidas ações que contribuam para o debate acerca dos direitos de aprendizagem das crianças do ciclo de alfabetização; para os processos de avaliação e acompanhamento da aprendizagem das crianças; para o planejamento e avaliação das situações didáticas; para o conhecimento e uso dos materiais distribuídos pelo Ministério da Educação, voltados para a melhoria da qualidade do ensino no ciclo de alfabetização. Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/26-eixos-de-atuacao/54-formacao>. Acesso em 14/11/2016.

atividades epilinguísticas e metalinguísticas que favoreçam a reflexão sobre a língua. • Desenvolver estratégias de mediação durante a leitura, explorando as pistas linguísticas fornecidas pelo texto. • Identificar exercícios de alfabetização voltados para o desenvolvimento da consciência fonológica. (MACHADO E CASTANHEIRA, 2010, p. 19).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Instituição Escolar é fator determinante no sucesso de cada aluno, principalmente no papel do professor. Porque apesar de todas as faltas que o aluno tem, ausências que fazem parte do meio em que convivem, ao chegarem na escola essas necessidades precisam ser supridas, sanadas, pelo menos parte delas, principalmente a do saber.

O Programa Bolsa família é para os alunos desta escola uma parte de renda muito importante, garantindo as necessidades urgentes de suas famílias, somadas ao ganho familiar auxilia para que as famílias tenham pelo menos o necessário para sobreviver.

Assim temos dois fatores que dão suporte ao aprendizado no tempo certo para esses alunos, o Programa Bolsa Família e a Instituição Escolar. E dentro da Instituição Escolar, a pessoa do professor alfabetizador, em sua competência, e de todo o espaço escolar onde a criança vai interagir e realizar experiências que favoreçam o seu crescimento e conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização & Linguística**, 2ª. Ed. Editora Scipione, São Paulo, 1990.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. Editora Cortez, São Paulo, 1985.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar?** SP: Cortez; Campo grande: Editora da UFMS, 2008.

MACHADO, V. R., CASTANHEIRA, S. F. **Formação do Professor como Agente Letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.